



Novas funções do PIX transformarão a experiência do usuário

Sistema já concentra 39% das transações e movimentou R\$ 13 trilhões no semestre. Novas funções devem ampliar uso dos pagamentos instantâneos

O Pix alcançou 39% das transações financeiras no Brasil em 2025, ultrapassando cartões de crédito (32%) e boletos (7%), segundo o Banco Central. Apenas no primeiro semestre, o sistema movimentou mais de R\$ 13 trilhões, consolidando-se como principal meio de pagamento do país. Com o lançamento do Pix Automático em junho, disponível em 50 instituições, consumidores poderão autorizar cobranças recorrentes sem custo adicional. Setores como educação, saúde e streaming devem se beneficiar, e 76% dos brasileiros já usam o sistema como principal forma de pagamento.

A adesão por pequenos negócios vem crescendo de forma acelerada. Muitos empreendedores e autônomos passaram a priorizar o Pix para reduzir custos com maquininhas de cartão e manter maior previsibilidade no fluxo de caixa. O movimento acompanha a digitalização da economia e reforça a tendência de bancarização via soluções de baixo custo.

Para Luis Molla Veloso, especialista em Fintech e Embedded Finance, com atuação em integração de serviços financeiros em plataformas digitais, a consolidação do Pix está apenas no começo. “A chegada do Pix Automático e do agendamento inteligente de pagamentos deve transformar a experiência do usuário e ampliar ainda mais o alcance do sistema. Estamos falando de ferramentas que reduzem a burocracia, aumentam a eficiência e criam novas possibilidades de relacionamento entre empresas e consumidores”, afirma.

Veloso avalia que, além da conveniência, o Pix fortalece a inclusão financeira. “Mais de 60 milhões de brasileiros não têm cartão de crédito. Com o Pix, essas pessoas passam a ter acesso facilitado a serviços digitais e produtos antes restritos a quem possuía limite de crédito. É uma mudança estrutural na forma de consumir e pagar no país”, diz.



O cenário aponta que a consolidação do Pix vai além da substituição dos meios tradicionais de pagamento. Em combinação com o avanço do Open Finance e a expansão do Embedded Finance no Brasil, o sistema tende a se firmar como base de um ecossistema financeiro mais integrado, competitivo e acessível. “Isso traz três grandes desafios: garantir infraestrutura tecnológica robusta, fortalecer o combate a fraudes e promover a integração do sistema. Caminhamos para pagamentos cada vez mais invisíveis e recorrentes, mas será essencial equilibrar conveniência, segurança e inclusão financeira para que os benefícios cheguem também à população menos bancarizada”, avalia Veloso.

Como funcionam as novas modalidades do Pix Automático

- Permite autorizar cobranças recorrentes (como mensalidades escolares, planos de saúde, contas de consumo e assinaturas digitais) com apenas uma autorização inicial.
- A liquidação é instantânea e sem custo adicional para o cliente.
- Caso não haja saldo na conta, o sistema realiza até três tentativas automáticas antes de aplicar juros ou multa na parcela seguinte.

• Empresas ganham previsibilidade no fluxo de caixa e reduzem inadimplência.

Pix com Agendamento Inteligente

- Usuários podem programar pagamentos futuros de forma individual ou recorrente.
- O sistema envia lembretes e confirmações, ajudando a evitar atrasos e multas.
- Dá ao consumidor maior controle financeiro e permite que empresas planejem melhor o recebimento.

Benefícios para consumidores e empresas

- Mais conveniência: pagamentos automáticos sem depender de boletos ou cartões.
- Menor custo: elimina taxas de intermediação comuns nas maquininhas.
- Inclusão financeira: beneficia cerca de 60 milhões de brasileiros que não possuem cartão de crédito.
- Eficiência operacional: reduz processos manuais de cobrança e amplia a confiança na relação entre clientes e prestadores de serviço.

Por uma transição energética que respeite as realidades locais

Claudio Castro (*) e Camilo Adas (**)

A decisão da União Europeia de restringir a partir de 2035 o registro de veículos novos apenas aos que forem considerados de “emissão zero” tem provocado reações importantes dentro da própria indústria automotiva europeia

Recentemente, as entidades ACEA (Associação dos Fabricantes Europeus de Automóveis) e CLEPA (Associação Europeia de Fornecedores Automotivos) pediram à Comissão Europeia uma revisão das metas de CO₂, defendendo maior flexibilidade regulatória e a inclusão de tecnologias como híbridos plug-in, motores a combustão altamente eficientes, hidrogênio e combustíveis descarbonizados.

Esse movimento é especialmente relevante para o Brasil, que abriga uma das maiores concentrações de fábricas automotivas do mundo, reunindo montadoras de origem europeia, americana e asiática. Essa presença global torna o país um elo estratégico na cadeia mundial da mobilidade, e reforça a importância de políticas que valorizem soluções desenvolvidas localmente.

Ao longo das últimas décadas, o Brasil construiu um modelo próprio de descarbonização com base em biocombustíveis como etanol e biodiesel, que possuem ciclo de carbono fechado e, quando comparados à matriz elétrica europeia, apresentam pegada ambiental inferior à dos veículos elétricos.

Além disso, tecnologias como o flex-fuel e os híbridos adaptados à realidade nacional mostram que é possível avançar com eficiência e sustentabilidade sem abrir mão da diversidade tecnológica.

ASAE BRASIL, como entidade independente, propõe que a transição energética seja guiada por critérios técnicos com escala global e flexibilidade regional. A pluralidade de soluções — desenvolvidas com base nas características econômicas, ambientais e produtivas de cada país ou região — deve ser reconhecida como parte legítima do esforço global de descarbonização.

“A transição energética precisa ser tão global quanto possível, mas tão regional quanto necessária para ser viável do ponto de vista ambiental, econômico e social”, destaca Camilo Adas, Conselheiro de Tecnologia e Transição Energética da SAE BRASIL.

A recente manifestação da indústria europeia reforça que não há um único caminho para a descarbonização. O Brasil, com sua matriz energética limpa e tecnologias consolidadas, tem muito a contribuir — desde que suas soluções sejam compreendidas e valorizadas dentro do contexto global.

A SAE BRASIL reafirma seu compromisso com uma transição energética tecnicamente fundamentada, adaptada às realidades locais e alinhada com os objetivos climáticos internacionais.

(*) Presidente da SAE BRASIL

(**) Conselheiro de Inovação e Transição Energética da SAE BRASIL e diretor de Estratégia e Transição Energética na BeB.

Excesso de jargões mantém 40% dos brasileiros fora dos investimentos

Falta de clareza e termos técnicos afastam milhões do mercado financeiro. Para reverter esse cenário, especialista destaca cinco pontos essenciais para quem está começando.

Apesar da avalanche de conteúdos em redes sociais como YouTube e TikTok, grande parte dos brasileiros segue fora do mercado de investimentos. Levantamento do Google revela que quatro em cada dez pessoas que não investem gostariam de aprender, mas travam diante do excesso de jargões e da ausência de orientação prática.

“O problema não está na falta de interesse, mas na forma como a informação é transmitida. “O que distancia os iniciantes não é a ausência de vontade, mas a linguagem técnica e engessada que fecha o acesso. Quem está começando precisa de orientação, não de fórmulas prontas”, afirma Juciel Oliveira, CEO da Monteo Investimentos.

A lacuna entre curiosidade e prática mostra que a educação financeira ainda é tratada como privilégio. “E não deveria, afinal o assunto é acessível à todos. Na Monteo administramos mais de R\$ 1,2 bilhão em cartas de crédito, e apostamos em simplificação e acompanhamento contínuo para aproximar estratégias de investimento de quem nunca aplicou. O resultado é que já atendemos mais de 3500 mil clientes no Brasil e em outros países com essa filosofia”, explica o CEO.

Mercado imobiliário

O consórcio imobiliário tem se destacado como porta de entrada para pequenos investidores. Dados da Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (ABAC) apontam que o segmento movimentou R\$ 191,11



bilhões em créditos em 2024, alta de 35% em relação ao ano anterior. A modalidade permite que o investidor use rendimentos de outras aplicações para custear parcelas, preservando liquidez e diversificando o patrimônio.

Segundo Oliveira, transformar a curiosidade em prática é o maior desafio. “Enquanto o mercado continuar se comunicando apenas com quem já investe, milhões de brasileiros permanecerão de fora. Ensinar é abrir caminhos e, quando bem orientado, investir pode ser muito mais simples do que parece”.

Na visão do CEO, o mercado imobiliário brasileiro deverá manter uma trajetória de crescimento em 2026. “Esse cenário positivo será devido aos apartamentos em grandes centros e capitais secundárias, maior oferta de crédito, expectativa de queda gradual dos juros, apostas nos programas habitacionais (como o Minha Casa Minha Vida) e valorização regional acima da média. Outra modalidade

que tende a ganhar espaço no portfólio do investidor é o Short Stay, que são aluguéis de curta temporada. Por isso, essa é uma grande oportunidade para estudar educação financeira”, pontua o especialista, que lista cinco cuidados para quem está iniciando no assunto:

- 1) **Fuja do jargão técnico** – Prefira conteúdos em linguagem simples e objetiva, que expliquem conceitos de forma clara.
- 2) **Defina objetivos** – Estabeleça se a meta é formar patrimônio, garantir renda futura ou apenas diversificar recursos.
- 3) **Separe finanças pessoais e corporativas** – Misturar contas é um erro comum que compromete negócios e patrimônio.
- 4) **Avalie alternativas além dos bancos** – O consórcio imobiliário, por exemplo, permite alavancar patrimônio sem juros e com previsibilidade.
- 5) **Conte com acompanhamento especializado** – Consultorias ajudam a monitorar cotas e identificar o melhor momento para usar a carta de crédito.

De acordo com Oliveira, para os próximos anos, o perfil do acionista deverá ser mais diversificado. “Além dos grandes empresários e incorporadoras, haverá mais espaço para pequenos e médios investidores que buscam imóveis como alternativa de diversificação e geração de renda. O uso de ferramentas como consórcio imobiliário também deve ganhar relevância como porta de entrada para novos interessados”, conclui.